

Ouço pássaros – do trauma ao sonho

Malena Calixto

Resumo Este texto percorre a vida de Anastácia por meio dos pesadelos que a acompanham, como sonhos traumáticos. A autora visa investigar a capacidade ou a possibilidade de o trauma virar sonho sob uma hipótese: de que a repetição seria uma espécie de chamado ao psiquismo para que este realize um trabalho de inscrição do evento traumático que servirá de base para outros trabalhos psíquicos, como o luto e o sonho.

Palavras-chave trauma; luto; repetição; trabalho; sonho; elaboração.

Malena Calixto é psicanalista e escritora. Autora do livro *Qria*, no prelo, pela Editora Livre.

Língua de luz Feixe de amor Retratos da morte.

Amor é fotografia. Não entendo bem a mania do povo de Minas em chamar baú de caixão.

“Filha. Pega lá no caixão minha identidade dentro daquela pasta de elástico amarela”.

Caixão? Identidade? Uai.

Sempre achei que falava com fantasmas quando versava com minha mãe. Figura morrida. Repetia o mesmo mantra. “Morri com seu pai. Nunca quis arranjar homem nenhum pra botar no lugar dele”.

Ela só tinha trinta, e eu, um e meio. Fotografias do fim, amor em detalhes. Várias delas desenhavam o desaparecimento do pai. Moravam numa pasta de elástico dentro do caixão no quarto do meio. Por que razão ficava ali ao alcance da curiosidade de uma menina? Tudo escancarado. Grafias de luz. Revelação da realidade. Algumas rasgadas, outras inteiras. Pretas, brancas, estouradas.

“Vamos dormir, filha!”

No quarto do meio ao lado do caixão, todos os dias. De lá saíam os piores pesadelos. Cheios de final. Partidos, como fotos, ganhavam vida na noite.

Um fusca amassado no meio das pedras, chegando num rio. Rio do Carmo. Adolescendo amava passar na estrada. Meu pai morava ali e eu o visitava com vento no rosto. Ficava esperando a hora exata de me virar. Os cabelos, às vezes, atrapalhavam. Tinha que contar. Um, dois, três, quatro cruzeiros na beira do rio. Esperava o tempo correr. Era aqui? Não, aqui? Estranho este gosto. O rio: meu pai. As pedras. O vento. Quatro cruzeiros.

Feito comida digeriria imagens. Ficava horas sem alguém se dar conta comendo pedras da beirada do rio. Corredeira de lágrimas. Meu pai esmagado? Não digeri as pedras. Pegava os retratos pra entender por que minha mãe tinha morrido se ainda estava viva. Quanto mais descobria, desconhecia. No



pianista. O homem era bonito. Tinha uma cara de boemia. De farra. Estava pronto pro baile. Só faltava abrir os olhos...

monte, um caminhão com quatro caixões dentro. Um tio, um pai, um primo e um amigo. O homem que seria meu pai quando mais velha fiquei.

Usava uma camisa cheia de furos abotoada rapidamente. Precisava acabar com aquilo logo. No nariz, algodão. Os dentes num meio sorriso. Tinha diastema, eu também. Nenhuma flor. Nada. Um sapato de bico fino quase que atravessava o caixão. Calça de tergal com vinco. As mãos pousadas sobre o peito.

Pianista. O homem era bonito. Tinha uma cara de boemia. De farra. Estava pronto pro baile. Só faltava abrir os olhos...

Era crua e pobre a morte de quatro homens. Captura do sofrimento congelada in memoriam.

Os caixões na casa. Velava-se o morto dentro. Os mortos.

A casa cresceu sensível à luz. O fenecimento se revelou no pó, tacos arrancados, paredes manchadas e descascadas de cola, móveis quebrados, portas sem fechaduras. Casa em cortejo. Seis órfãos e uma de trinta.

Meu primeiro homem conheci numa fotografia. Não vi seus olhos. Qualquer par ainda hoje me queima. Esquivo contato que é pra morte não fazer registro¹.

Essa é a história de Maria Anastácia. Contada por mim. Testemunha de sua vida. Vida, corpo, sonhos, traumas. O aparelho psíquico irrigado de sangue. Irrigado de sonho. Sangue poderia ser morte. Aqui é vida. Vida traçada lenta. Um aparelho que vive com sangue. Tem nome estranho que lembra máquina, mas nele corre um rio *rojo* entre traços esquecidos. Mal lembrados. Enterados. Cobertos de terra, de novo em cima, mais uma vez que é pra esquecer até formar borbulhas de sangue sobre a lama trazendo até Anastácia,

nossa protagonista. Trazendo pra ela sinal de vida antes não sonhada mas que agora sonha.

Investe. Mas isso fica pra depois.

Um trauma pode fazer morrer um rio?

Trauma, do grego: ferida que deriva de furar. Arrombar. Trauma, do mineiro: rompimento da barragem de um Rio Doce, infantil. Gerando destruição a muitas raças e povos e espécies. A lama vai tomando conta de tudo, derrubando e destruindo o que vê pela frente. Um tsunami marrom, enfezado, brutal. Estrago de uma vida inteira que acompanha o rio e tudo que vive dele. No momento em que acontece não há o que fazer, o que segurar. Acontece. Não há barragem possível para segurar o excesso, o arrombamento. Passa, extrapola e mata, naquele momento, a possibilidade de cuidado de um aparelho qualquer, o dela. Inunda o aparelho. O corpo. Na hora parece o fim, mas não é. O planeta elabora o rio. Ele é plástico. Eles são, o rio e a Terra: água mais terra é barro. O aparelho e o trauma de Anastácia também. O pai morreu. Maria Anastácia com um ano e meio empobrece. Seu mundo fica repetido. Não pode dormir, a noite é terror. A inundação se refaz, se refaz, se refaz. Ela não consegue sonhar. Sonhar uma vida, sonhar o sonho. Sonhar uma casa. Sonhar um Eu.

A mãe fica.

A criança invadida, sufocada de barro joga lama na mãe. Toda mãe deveria ter uma máquina de transformar lama em escultura, e devolver pra criança não só escultura, mas a máquina também. Como se fosse dela, da criança. Pra Anastácia também era assim, até um fusca cair no rio com pai, mais três pessoas e um passarinho.

Pode alguém morrer de pássaro dentro?

Se o pai de Anastácia morreu, pode.

E a mãe de Anastácia

virou água demais.

Não havia usina.

O que é uma usina?

Uma usina é uma mãe viva. Uma usina é uma máquina que transforma uma queda de água em força. Uma usina é um aparelho psíquico. E vice-versa. Quando a capacidade de sonhar lhe(s) foi rompida ficaram pesadelos repetidos que só se associavam à morte, pedaços, fragmentos.

De que adianta só associar?

Pesadelos de pedaços de pau preto que vinham em sua direção. E invadia. Como graveto queimado. Nada inteiro, tudo despedaçado. A vida da mãe, da filha, a casa, o Eu. Tudo ruiu. Se foi na enxurrada. Maria Anastácia, já com idade, começa a escrever a morte do pai. Escrever contos e histórias de sua vida. Um diário com traços de elaboração. Revisita o trauma para que ele não seja mais trauma, mas potência. Ela precisou, por sentir a ameaça da morte todo dia. Não teve muita escolha, foi uma fuga, uma fuga para a elaboração.

O que tinha antes, não era sonho? O que é esse isso que aconteceu aqui? Essa transformação é fruto de um trabalho na concepção psicanalítica?

Uma ameaça vivida no passado se fazia presente. O que o Eu chama de passado pode ser o mais presente. Se o passado é tão presente, não pode entrar futuro: o aparelho inundado se ocupa inteiramente da emergência. Não dá para construir barragens ou represas. Ele não consegue fazer outra coisa senão lutar com a força da água dentro. Perde-se a vida de fora. É preciso se ocupar com o Eu, não há tempo de registrar. Não há tempo pra mais nada. Se não há memória e registro, não há sonho. Foi preciso construir memórias, traços.

Trabalho de: transpiração. Transformação. Transpiração. Transformação.

»
*volto para não perder
a história de Maria Anastácia
que se perdeu na mãe morta
pra depois se achar em um divã*

Trabalho de transpiração. De piração de nossa protagonista. Nos dois sentidos, o de pirar e criar.

Trans-pirar. Transformar a loucura. Escrever e poetizar suas memórias.

Trabalhar enlouquecidamente. O tempo inteiro, sem tempo sem hora. Questão de sobrevivência, luta de tecidos. Ser invadido e atropelado. De sangue. E pirar. E transformar. O aparelho se protege, luta e expande. Expande. Por quase morrer, vive. Mas, mas o trauma retornava a cada ligação mais profunda. Chovia de novo e a represa feita não estava perfeita. Havia sido feita com pressa. Lembra? Era questão de vida ou morte. No trauma o tempo urge. A cada chuva se revelavam os buracos e as falhas da represa.

Volto para não perder a história de Maria Anastácia que se perdeu na mãe morta pra depois se achar em um divã. E se perder, de novo. E se achar, e se perder. E construir traços, memórias. Ao morrer o pai, a mãe, viva, se deprime e perde o interesse pela criança. O que acontece é uma bruta interrupção na relação com a mãe e, neste caso, com o pai também. Perdeu o amor, desapareceu. Essa ferida se inflamava nos novos investimentos amorosos de Anastácia, com medo terrível de amar e ser abandonada. Era preciso revisitar o trauma para tratar de inscrevê-lo, porque só com representação se pode ter sonho. Sonho é função. Guarda o sono. Guarda a capacidade de andar pelo mundo sem terror. Transforma força em tacos colados. Paredes pintadas. Cuidados de mãe. Maria Anastácia tentou fazer crescer esses pesadelos, dando vida aos pedaços. Não desistiu.



*com mistério o tempo passou
para Maria Anastácia, quando
adolesceu e sangrou mulher,
os terrores noturnos
desapareceram*

No início não conseguia, durou anos. Sem “mãe”, sem pai, sem porta e uma invasão.

Mas o que tinha antes, não era sonho? O que é esse isso que aconteceu aqui?

Foi preciso psicanálise e literatura, lugares onde vida e morte se encontram. Maria Anastácia não sonhava. O que era isso então que ela vivia dormindo e acordada? Em todos os vãos. Tudo aberto. Guarda-roupa, armário, caixão. Aberto. A vida era risco. O que vivia naquele armário? “Não entendo bem a mania do povo de Minas de chamar baú de caixão”. O que vivia no caixão? Pedaco de pai? Ausência de mãe? Tudo aberto, só a palavra fechada. Palavra fechada. A palavra é um baú. A palavra corpo, de Anastácia, é céu aberto. Possibilidade. Ela era pequena, menina. Mas assim como o trabalho feito em um lugar pós-Samarco, um trabalho é feito pós-trauma, no caso de Anastácia.

A capacidade de vida e morte do humano é avassaladora.

Algo de estranho acontecia no mundo de Anastácia, estranho por não haver inscrição. Por não haver represas dentro do aparelho. Por não haver contenção. Por não haver representação da vivência. Tudo tomado, aparelho sequestrado. Sonhos traumáticos não tem o que neles serem interpretados, porque para interpretar é preciso ter tido uma representação deslocada, realocada. Ele só repete para se inscrever, não tem sentido. Não tem sentido. A representação é o oposto da repetição. A repetição é viver de novo ao vivo, e a representação funda o tempo passado. Funda um

novo tempo no psiquismo, um modo de organizar o tempo. Ela é inscrição, vida em traços. É memória. Se não há trabalho, o psiquismo acaba existindo com uma única função. Arremessar lama. Fazer buracos para suas represas. Enfim, desinundar o aparelho. Aparelho psíquico inundado não pensa, fica estúpido. Não tem tempo pra pensar. Anastácia se inibia. A urgência dentro era gritante.

Mas o que tinha antes, não era sonho?

Com mistério o tempo passou para Maria Anastácia, quando adolesceu e sangrou mulher, os terrores noturnos desapareceram. Deram pausa para a menina que virava moça. Os hormônios pulsavam, no corpo e curvas de Anastácia.

Mais um tanto de pouco, o tempo andou. Assim, Maria Anastácia se casou, e como não era de se estranhar, os terrores noturnos voltaram. Os pesadelos, agora, costurados por monstras verdes tentavam dar um contorno para o que era despedaçado. Elas costuravam partes do corpo. Eram frias, de pele rugosa, feias e olhar sereno. Como se o corpo de Anastácia fosse costurado e fechado para ela, a monstra de olhar sereno mas severa. O olhar era algo que fincava na pele de Anastácia, não viu os olhos de seu pai. Qualquer pulsação, qualquer desejo de vida, vinha o medo de perder o objeto amado. Ela tinha que ficar só para não matar o amor. De novo, o peso da morte dentro de si. Figura morrida. Todo dia todo dia o mesmo terror. Acordada. Na noite. Ela era da mãe. Um complexo, complexo da mãe morta. O que teria dentro deste complexo? A morte do pai. Da mãe. O medo de perder a mãe. O medo de perder seu homem. Matar para não ser morta. Uma defesa? Outro arrombamento? De novo, lama. E luta.

Voltou. Tudo voltou. O trauma estava lá de novo. Inundando a quitinete do casal. Tirando noites de sono e sonho. O pesadelo não era esquecido. Não tinha lacuna, era a coisa em si que durava o dia e a noite quando ia dormir e sonhar com seu par do lado. De novo, tudo cheio de morte.



A repetição não é trabalho. É um chamado. Um chamado ao trabalho de fazer trauma virar sonho. Um trabalho de inscrição.

Não devemos nos esquecer, nunca, que o aparelho aqui é irrigado de sangue. Tem plasticidade. É vermelho e pulsa. Bate forte como um coração frente ao medo daquilo que desconhece, mas bate forte. Muito forte. O sangue borbulha sobre lama mostrando que o pesadelo quer sonhar, já que o sonho que adoce é o mesmo sonho que cura.

E a poesia faz parte disso. Ela dá voz à imaginação. Ela restaura aquilo que está afogado sobre o barro. Ela é sangue, carne viva. A poesia a palavra a análise de Maria Anastácia.

De novo, Anastácia vive tudo como se fosse a primeira vez. Mais luta. Tudo urgência novamente. E luta. E cresce. E luta e cresce.

Mas o que tinha antes?

Separada e depois de muitos anos sozinha, Anastácia investe, de novo, no amor. Anos de análise, agora sim, ia dar. E de novo seus terrores voltaram. Voltaram em sangue. Sangue congelado. Agora mudo, sem som, nem de geladeira. Vazio completo. Tristeza funda. Seu irmão mais velho morre na mesma época em que Anastácia se casa pela segunda vez. Já tinha perdido um outro irmão. Foram-se todos os homens da família. Ficaram só mulheres. Será que Anastácia mataria seu novo homem? Qual seria a ideia do sangue agora? Sangue contaminado. O terror era igual, porém mais silencioso. Quase morte. Começa assim, os pesadelos tomam conta dos dias de novo. Viram a vida. Pra todo lugar que Anastácia olha, vê sangue. Tudo meio turvo, os dias e as noites. Vultos ensanguentados. Será que contaminaria seu novo par? Não se congela sangue. De novo a mãe vem. A mãe morta dentro dela. O pai. Uma assombração, impedimento de ligação. De novo

*separada e depois
de muitos anos sozinha,
Anastácia investe, de novo,
no amor. Anos de análise,
agora sim, ia dar*

o trauma vive, toma conta da casa, dos quadros, da cozinha, da sala de estar. A rua ameaça, o movimento é perigoso. É preciso, de novo, trabalhar por dentro, na urgência. Correr pra descongelar esse sangue. Não dá pra poupar vida. Sangue congelado é frio. Mudeza. Morte.

Quando acordei o tempo já tinha passado. Eu era passado. Demorei pra sair da infância. Difícil engolir. Pessoas com infâncias feitas de dano deveriam ganhar mais tempo. Não sei. Tempo de criar, talvez. De saber onde enfiar o sangue congelado. Acho que era isso que meus sonhos queriam dizer. Congele o sangue. Congele. Que é pra ficar vivo. Congelei sangue em sonho. Na vida desperdicei pelo nariz. Pelo ventre. Diz que sou doadora universal. Só posso receber sangue do meu sangue².

Foi numa sessão de análise, no processo da morte do irmão, e, junto, o casamento, que Anastácia traz seu primeiro conto, da Revelação, esse mesmo lido no início, do “esquivo contato pra morte não fazer registro”. O analista só faz uma questão, uma questão que passou a morar em Anastácia:

“Por que não fazer registro?”

Foi um revertério, a cabeça de Anastácia se desacostumou, o trem saiu da linha. Anastácia volta para casa e escreve contos. Mais contos. Poucas palavras e a janela se abre. Mais cômodos. Mais espaços para habitar. Agora havia passado, o registro inaugura a possibilidade de deixar para trás. A janela do inconsciente se abre na escrita. De lá

2 M. Calixto, *op. cit.*, p. 65.

descem palavras em cascatas de água doce em cachoeiras de Minas. Absorvidas. Com pássaros soltos e livres. Absorvidas. Ouço Pássaros. Como pode uma simples pergunta abrir um universo? É possível elaborar o luto depois de anos? É possível fazer registro de morte(s) do pai e irmãos de Anastácia depois de muitos anos?

É possível.

Se foi possível para Anastácia, é possível. Pode ser que uma outra morte trauma faça subir a lama. Sempre tem uma sensação de algo muito ruim pode invadir sua casa, seu aparelho.

Assim e enfim, toda a análise é um processo de luto. Para se ter uma terra, um continente, é preciso enterrar seus mortos. É preciso doer. Trabalho de dor. Trabalho de luto. Trabalho da morte. Trabalho de escrita. Trabalho de análise. Trabalho do sonho.

Referências bibliográficas

- Ab'Saber T.A.M. (2005). *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: Editora 34.
- Calixto M. *Qria*. São Paulo: Livre, 2021 (livro no prelo).
- Freud S. (2017). *A interpretação dos sonhos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM.
- _____. (1996). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta.
- Laplanche J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise: Laplanche e Pontalis*. Trad. Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes.
- Pontalis J.B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Ideias & Letras.
- Schur, M. (1981). *Freud Vida e agonia, uma biografia*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago.
- Uchitel M. (2001). *Neurose traumática: uma versão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Coleção Clínica Psicanalítica.

Mas o que tinha antes, não era sonho?

Não. Eram pedaços de passado repetindo no presente. Teia do tempo esgarçada. Trauma é o nome do evento que não se registra. O psiquismo vai ter que trabalhar para inventá-lo, seu trabalho de registro. Sem registro não há sonho. Há repetição.

Essa transformação é fruto de um trabalho na concepção psicanalítica. O luto. A simbolização da morte. A construção de um totem, um conto.

Tem um mistério em quem vai. Fica um mistério em quem fica. Um pedaço estranho do que foi. Pedaço de pau. Como pesadelos. Pau preto. Tem um mistério. Pau preto que faz barulho. E anda. Tem um mistério nos nossos pesadelos. Também nos sonhos. Tem um mistério nas vírgulas. Indecifrável. Nas vírgulas sim. Nos pontos não. Mentira. Tem sim. Foi num ponto final que tudo começou³.

3 M. Calixto, p. 53.

I hear birds: From trauma to the dream

Abstract This text travels through Anastasia's life through her accompanying nightmares, like traumatic dreams. The author aims to investigate the capacity or the possibility of the trauma becoming a dream under a hypothesis: that repetition would be a kind of call to the psyche so that it performs a work of registering the traumatic event that will serve as a basis for other psychic works, such as grief and dream.

Keywords trauma; mourning; repetition; work; dream; elaboration.

Texto enviado: 01/2021

Aprovado: 04/2021